

Marco Ferrari

A INCRÍVEL HISTÓRIA
DE ANTÓNIO SALAZAR,
O DITADOR QUE MORREU
DUAS VEZES

Tradução de
VASCO GATO



Índice

Prefácio

11

1. O calista que fez ruir o império

15

2. Do Vimieiro a Lisboa

61

3. O terror subtil

149

4. Vida quotidiana de um ditador

183

5. Dois anos morto, embora vivo

217

Prefácio

Portugal entrou na minha perspectiva de vida quando, participando na Festa da Unidade, que todos os anos reunia milhões de militantes da esquerda italiana, tropeçávamos no *stand* dedicado aos exilados daquele país que parecia longínquo e distante, mais atlântico do que europeu. Alguns anos depois, era eu jovem repórter, tornei-me amigo de um exilado português que trabalhava na redacção como humilde distribuidor do diário pelos quiosques (viria a tornar-se secretário de Estado). Quando se deu a Revolução dos Cravos, e como tantos exilados políticos, também ele se pôs a caminho de Lisboa e eu segui-o pouco depois, apanhando um barco em Génova até Barcelona, prosseguindo à boleia até Madrid e metendo-me num comboio nocturno para a capital portuguesa, tendo sido recebido por um marinheiro na fronteira. A atmosfera que se respirava situava-se entre a efervescência e a surpresa, a felicidade e a inquietude típica das democracias recém-nascidas. Para tantos jovens como eu, que acariciavam

o vento de liberdade que soprava em Portugal nesses dias, abriu-se a porta dos sonhos. Tudo surgia como desvelamento de um mundo que permanecera fechado quase meio século: os que regressavam de décadas de exílio em locais distantes e tão diferentes de Portugal; jovens estudantes que tinham fugido para o estrangeiro para não caírem no serviço militar obrigatório e que circulavam livremente pelos estabelecimentos do Bairro Alto; filmes obscurecidos pela censura que eram então projectados nas salas e nos jardins; opositores políticos que escreviam livros sobre a sua experiência na prisão; visitas a locais da tortura; pessoas que nos abriam as suas casas e outras que nos levavam de carro aonde desejássemos ir. Nas ruas, o cheiro a graxa e café era superado pelo dos jornais da manhã e da tarde, acabados de sair das tipografias e vendidos pelos ardinhas: as notícias corriam para lá da temporalidade efémera daquelas folhas de papel. Havia uma expectativa e um interesse por aquilo que ia acontecendo, hora a hora. Fiz amigos com os quais passava as noites. Havia alegria naqueles pequenos restaurantes que nos abriam salas privadas onde podíamos estar horas à conversa. Digamos a verdade: o mundo parecia-nos ao alcance da mão, tal como o futuro parecia pronto a ser moldado a nosso bel-prazer. Depois, como sempre, as coisas esmoreceram, mudaram, a normalidade teve um efeito de pacificação e os sonhos morreram na foz do Tejo. Porém, a revolução de 25 de Abril de 1974 manteve-se, para mim e para outros, como a única revolução tangível, vista, vivida, no meu caso enquanto espectador externo. A amizade ficou como vestígio comum daqueles dias

para muita gente que agora já não pratica a política nem tem sonhos a exigir. Muitos de nós já partiram — este livro é dedicado a dois amigos que desapareceram prematuramente —, outros já não têm batalhas a travar e observam as transformações oferecidas pela existência. Desses dias dos cravos, também me resta uma inquietante sombra estendida sobre a vida de tantas pessoas: António Salazar. Deixara de existir anos antes, mas era como se atravessasse as ruas ou surgisse ao virar da esquina, estivesse num camarote do Teatro de São Carlos ou subisse no Elevador de Santa Justa para observar as pessoas abaixo, julgando tê-las ainda na mão.

Passaram quase cinquenta anos e eu continuei a frequentar Portugal, a manter relações e afectos, a fazer filmes nessa terra maravilhosa, a ler livros sobre Salazar, a estudar os documentos da ditadura. A sua sombra exteriorizou-se num livro que escrevi de modo bastante fluido, porque é como se o ditador morasse na minha cabeça também, mesmo que eu nunca tenha sofrido o horror da sua repressão.

Pedaços de histórias, filmagens, documentos, testemunhos recompuseram-se em mim como um mosaico durante a escrita. Revivi inclusivamente caminhadas nocturnas pela Rua Augusta e pela beira-rio da Praça do Comércio, noites no Bairro Alto ou em Alcântara. Estas páginas são minhas, mas é como se fossem de outros que me narraram o longo túnel da ditadura sobre a qual julgo ter dito coisas importantes, descuradas, quiçá já esquecidas. Não por acaso, foi um escritor italiano como eu, o saudoso amigo Antonio Tabucchi, quem revelou ao mundo, no seu estilo irónico e sonhador, o que foi

a ditadura e a censura. O seu «doutor Pereira», velho jornalista que dirige a rubrica cultural do principal diário da cidade, é o símbolo de um sofrimento interior que marcou toda a alma portuguesa. E foi na lembrança desse sofrimento que, como escritor, decidi delinear a complexa e enigmática figura do ditador mais longevo da Europa.

M. F.